



Mãe, mãinha:
a minha mais velha

Silmara Cardoso de Lima Silva



A CASA TOMBADA

FACONNECT

PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU

EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: INVESTIGAÇÕES DE COSMOPERCEPÇÕES AMEFRICANAS

MÃE, MÃINHA: A MINHA MAIS VELHA

SILMARA CARDOSO DE LIMA SILVA

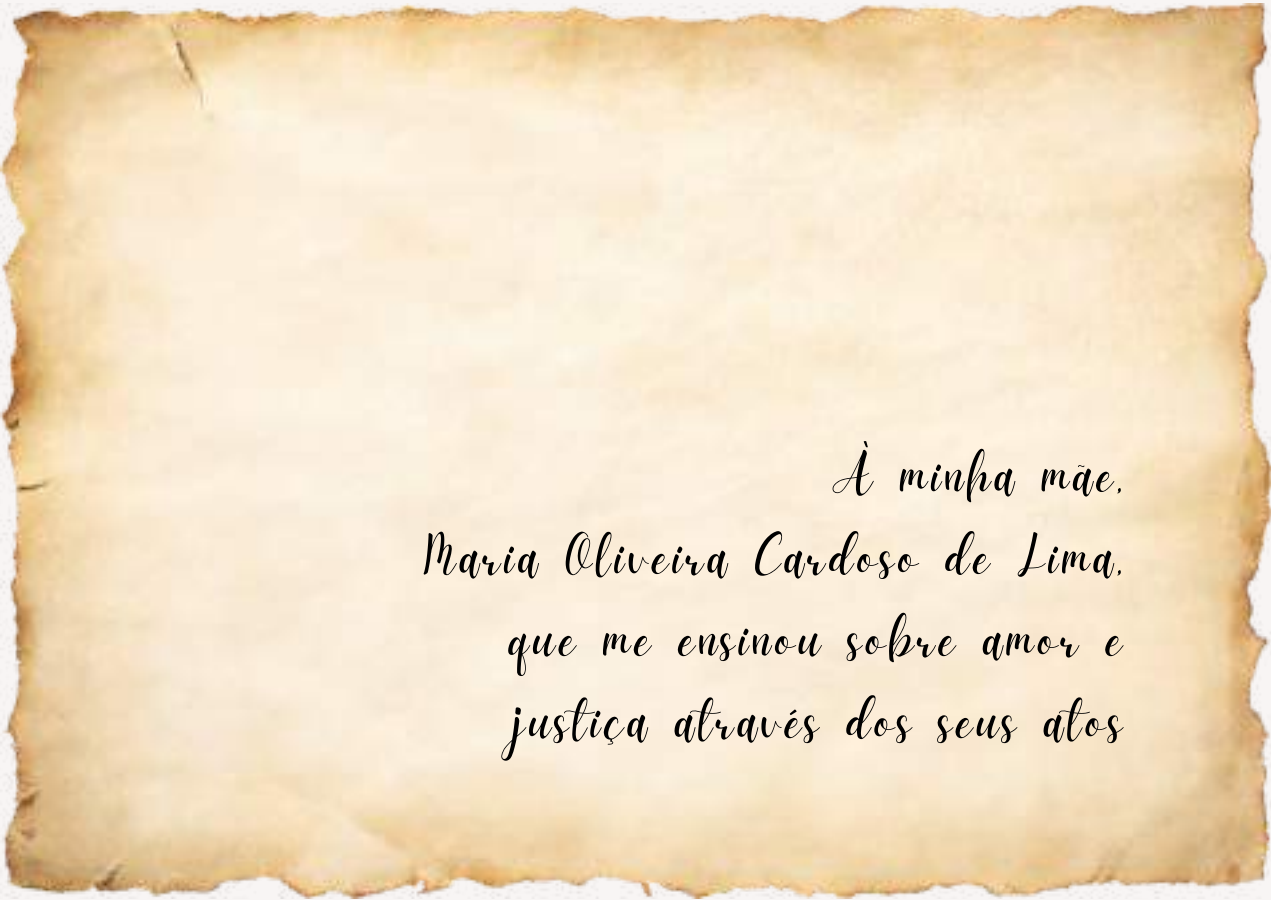
Trabalho de Conclusão de Curso de Pós Graduação Lato Sensu - Especialização em Educação e Relações Étnico-Raciais: Investigações de Cosmopercepções Amefricanas. Orientação: Profa. Ma. Jéssica Silva Pereira. Co-orientação: Profa. Ma. Ananda da Luz Ferreira.

SÃO PAULO, 2024.






Dedicatória



*A minha mãe,
Maria Oliveira Cardoso de Lima,
que me ensinou sobre amor e
justiça através dos seus atos*



Agradecimentos

A toda turma da Pós Graduação em Educação e Relações Étnico-Raciais: Investigações de Cosmopercepções Africanas.

Ao corpo docente da Pós, em especial às coordenadoras Ananda Luz e Jéssica Silva.

As professoras Josi Lima e Eliza Metzker que compuseram a banca - muito grata pela leitura atenta e sensível.

Ao meu companheiro Robson, que sempre me encoraja a escrever.

À minha mãe Maria e ao meu pai Severino, que sonharam e lutaram para que os filhos pudessem estudar.

À minha amiga Patrícia Cerqueira pelas trocas cotidianas de estudo e pelo interesse em ler os rascunhos.

À minha amiga Elizângela dos Santos, pela disposição em compartilhar tantas pautas de vida, inclusive o que pensamos e sentimos sobre nossas mães velhas.

Aos amigos e amigas que não acompanharam de perto esta escrita, mas me nutriram por vários outros caminhos.

A todas as pessoas do curso de Educação Popular na Biblioteca Comunitária Solano Trindade. Juntar nossas memórias me ajudou a reencontrar a poesia.

Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso nasce a partir do desejo de escrever sobre a importância das mulheres mais velhas em minha existência. A pergunta “O que me fica de quem veio antes de mim?” é parte fundamental do caminho de investigação que aqui se apresenta. A escolha de conhecer mais sobre a(s) história(s) de minha mãe ocorreu durante o processo de desenvolvimento do trabalho. Assim, conversas que mobilizaram suas memórias aconteceram ao longo desse percurso. A escrita é elaborada, então, numa costura entre memórias de minha mãe, minhas reflexões e trechos de leituras que dialogam com questões mobilizadas. Dentre as referências, estão Carolina Maria de Jesus Conceição Evaristo, Grada Kilomba, Maya Angelou, bell hooks, Elizandra Souza e Dinha.

Palavras-chave: Memória; Histórias de vida; Mulheres negras; Ancestralidade.

Lista de ilustrações

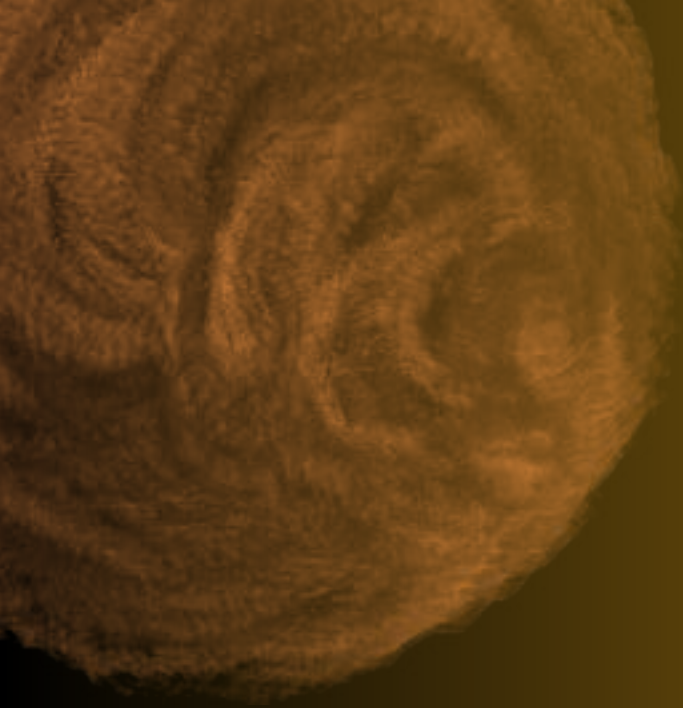
Imagem 1 – Silmara no Museu Afro Brasil, em São Paulo	p. 07
Imagem 2 – Logo da Pós-Graduação EREER ICA d’A Casa Tombada	p. 13
Imagem 3 - Fotografia de Jovelina Pérola Negra	p. 15
Imagem 4 – Fotografia de Gonzaguinha	p. 16
Imagem 5 – Montagem com print screen de telas do celular	p. 19
Imagem 6 - Capa do livro Poesia completa, de Maya Angelou	p. 22
Imagem 7 – Fotografia de Maya Angelou	p. 22
Imagem 8 – Fotografia de Grada Kilomba	p. 25
Imagem 9 – Capa do livro Memórias da plantação	p. 25
Imagem 10 – Crianças em roda	p. 28
Imagem 11 – Capa do livro Irmã outsider	p. 40
Imagem 12 – Fotografia de Grada Kilomba	p. 46
Imagem 13 – Montagem com 3 fotografias de Maria e Silmara	p. 48
Imagem 14 – Capa de Poemas da recordação e outros movimentos	p. 50
Imagem 15 – Fotografia de Maria e Silmara	p. 52
Imagem 16 – Capa da fita k7 Martinho da Vila	p. 55
Imagem 17 – Capa do LP Reflexus da Mãe África	p. 56
Imagem 18 – Capa do livro Na minha pele	p. 63
Imagem 19 – Fotografia de Maria e Silmara	p. 65
Imagem 20 – Fotografia da escritora Dinha	p. 67
Imagem 21 – Capa do livro De passagem, mas não a passeio	p. 67
Imagem 22 – Capa do livro O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo – ensaios	p. 68
Imagem 23 – Fotografia de Djaimilia Pereira de Almeida	p. 68
Imagem 24 – Capa de Carolina Maria de Jesus: meu sonho é escrever	p. 69
Imagem 25 – Grupo Posse Mente Zulu	p. 72
Imagem 26 – Fotografia de Leci Brandão	p. 72
Imagem 27 – Capa do livro Olhos d’água	p. 80

Imagem 28 – Fotografia de Conceição Evaristo	p. 80
Imagem 29 – Fotografia de bell hooks	p. 81
Imagem 30 – Capa do livro E eu não sou uma mulher?	p. 81
Imagem 31 – Capa do livro Histórias de leves enganos e parecenças	p. 83
Imagem 32 – Fotografia do Rio de Contas em Jequié	p. 87
Imagem 33 – Capa do livro Águas da cabaça	p. 88
Imagem 34 – Fotografia de Elizandra Souza	p. 88
Imagem 35 – Capa do livro Memórias Póstumas de Teresa de Jesus	p. 90
Imagem 36 – Fotografia de Martinho da Vila e Teresa de Jesus	p. 90
Imagem 37 – Fotografia de Carolina Maria de Jesus	p. 93
Imagem 38 – Capa do livro Diário de Bitita	p. 93
Imagem 39 – Capa do livro Quem pode acalmar esse redemoinho de ser mulher preta?	p. 102
Imagem 40 – Fotografia de bell hooks	p. 103
Imagem 41 – Capa do livro Erguer a voz	p. 103



Sumário

Apresentação	09
- Quem escreve estas páginas	10
- O primeiro encontro do nosso curso	16
- Uma carta a quem me lê	23
- Mais uma carta a quem me lê	36
- Lembrete número 1	52
A minha mais velha e eu	54
- Quando eu era menina	55
- Lembrete número 2	67
- Conversas de hoje pra guardar pro amanhã	68
- Lembrete número 3	85
A minha mais velha quando menina	87
- Mapeando lugares-memórias	88
- Brincando e cantando	97
- Lembrete número 4	103
Considerações do meio pra chegar a outros (re)começos	104
Referências	110
Vamos conversar?	114



Apresentação




Quem escreve estas páginas



Imagem 1 - Silmara no Museu Afro Brasil, em São Paulo
Fonte: Acervo pessoal da autora (fotografia feita por Anelize Vieira Ceribelli).






Nasci em 1982 na cidade de São Paulo. Filha de Maria, mulher negra baiana de Jequiê, e Severino, homem branco pernambucano do Brejo da Madre de Deus. Costumo dizer que sou "filha do exodo" - escrevi um rap sobre isso, que nunca gravei, mas às vezes coloco no mundo em algum sarau da vida.

Minha infância foi marcada, dentre outras coisas, pela ideologia do branqueamento. Sendo a mais clara entre três filhos, passei algum tempo, até o início da adolescência, sem pensar sobre minha identidade étnico-racial.


Ainda na infância, o rap chegou à minha vida. Pelo rádio. O mesmo por onde ouvia Martinho da Vila e Jovelina Pérola Negra com minha mãe aos domingos, preparando o almoço. Quantas camadas naquelas experiências! Ao mesmo tempo em que "aprendia" a terrível definição de que cabe às mulheres o lugar da cozinha, também descobria que cozinha pode ser lugar de saber e afeto.



Mas voltando ao rap, foi com ele que descobri que não sabia muita coisa sobre mim e sobre os meus. O rap me afetou. Minha mãe me fez. O rap também. Ainda na adolescência, encontros e desencontros aconteceram enquanto eu me perguntava "quem eu sou?". Talvez o maior desencontro com minha mãe foi quando decidi não mais alisar o meu cabelo. Mas com certeza foi um dos mais importantes encontros comigo mesma.

Nesse caminho, encontrei a escrita de um jeito diferente do que a escola me apresentava. Aos 15 anos comecei a escrever e publicar um zine que se chamava Hip Hop e Cidadania. Aos 16, comecei a cantar rap. Dai pra frente, vieram encontros com o movimento negro, o feminismo, a luta anticapitalista e alguns etcéteras.



Penso até hoje: tive muita sorte em ter descoberto junto com pessoas da minha geração que podíamos "erguer a voz" - como escreveu bell hooks - criar coletivos, questionar e construir a partir dos nossos sonhos e nossas artes. Mas tivemos mais sorte ainda em poder aprender com a geração que veio antes de nós, aquelas pessoas que nos anos 1970 juntaram forças para reorganizar o movimento negro neste país.



Uma dessas pessoas, por quem tenho um amor muito grande, é Regina Lúcia do Movimento Negro Unificado (MNU). Ela me pegou pela mão e me explicou historicamente sobre a textura do meu cabelo, sobre o que foi e é a política de branqueamento no Brasil, e a importância de lutar contra o racismo - todos os dias. Foi ela quem me disse com todas as palavras: sim, você é negra. E fez isso com um afeto e atenção que nunca me esqueço. Essa foi a minha escola antirracista. Minha escola antirracista não foi a escola.

O tempo passou e, depois de trabalhar em diferentes áreas, cheguei ao lugar de educadora na escola pública. Foram intensos 14 anos atuando na educação básica. Lembrei de tantas ausências do meu tempo de escola como educanda. Não queria repetir os silenciamentos que marcaram a minha experiência escolar. Entendi que tudo aquilo que o Hip Hop, o movimento negro e o feminismo me deram continuava ausente nas instituições educacionais. E era meu dever lutar para transformar aquelas instituições.



Quando parecia duro demais, eu me lembrava do olhar das crianças ao acessar um livro de bell hooks ou Kiusam de Oliveira.



Para não paralisar, eu me lembrava do movimento daqueles pequenos corpos dançando Fela Kuti ou Elis MC, dos sorrisos e falas de crianças que dizem mais do que eu poderia expressar, fosse num texto, numa reunião pedagógica ou qualquer outro lugar.

Sorrisos e falas que eu guardo na memória e me ajudam a pensar que eu também posso falar, me ajudam a continuar acreditando que a gente pode viver como gente, que a gente pode sorrir, ainda que vivendo - e lutando pra mudar - nesse mundo que é máquina de moer gente. Continuar acreditando que a gente pode fazer outros mundos através da educação. Assim chego a duas palavras que carrego nas primeiras linhas de qualquer autodefinição que eu possa fazer hoje: sou uma educadora antirracista.

Buscando aprender mais, eu sigo ouvindo as minhas mais velhas, os meus mais velhos. Ao mesmo tempo, sou tocada profundamente pelas crianças, esses seres que chegaram ao mundo há pouco tempo e carregam tanto encantamento e questionamento. Vivo procurando encontros entre tudo isso...



A Pós Graduação em Educação e Relações Étnico-Raciais: Investigações de Cosmopercepções Amefricanas, coordenada por Ananda Luz e Jéssica Silva, constituiu-se como um lugar de encontro. Encontro com experiências semelhantes e outras distantes.

Quando decidi fazer a Pós, pensei na possibilidade de encontrar interlocuções. Ao longo das aulas, tecemos reflexões e debates, que culminaram em vários trabalhos interessantes de colegas da turma. Este é o meu registro. Acreditando na educação como vida.

Enquanto o racismo é morte, somos vida. Enquanto o racismo é dor, somos resistência e cuidado mútuo. Enquanto ele engessa, somos dança. Enquanto ele cala, cantamos. E somos muito mais que resposta ao racismo, seja nas escolas ou fora delas. Somos o fazer de um mundo em que possamos Ser.

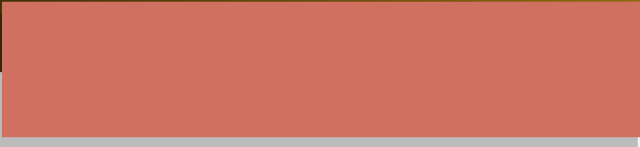
O primeiro encontro do nosso curso



EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICOS-RACIAIS

**INVESTIGAÇÕES DE
COSMOPERCEPÇÕES AMERICANAS**

Imagem 2 - Logo da Pós-Graduação ERER ICA d'A Casa Tombada
Fonte: Site A Casa Tombada <https://cursos.acasatombada.com.br/>



Anotações de 18 de abril de 2023.



Sobre a primeira aula da Pós, que aconteceu no dia 04 do mesmo mês.



Uma chegada com música.



Dizer quem somos a pessoas que não conhecemos é sempre um desafio.



O início de um curso costuma ter formalidades de apresentação. Geralmente se fala de onde vem, no que trabalha, onde se formou, essas coisas.



Eu sempre me pergunto se isso diz muita coisa. Diz coisas. Mas nem sempre as mais importantes.



O convite das coordenadoras do curso quebrou a apresentação clichê. Elas pediram que cada pessoa dissesse uma música importante em sua vida.



Com a dificuldade que tenho em fazer escolhas, falei de duas:





Imagem 3 - Fotografia de Jovelina Pérola Negra

Fonte: Wikipedia (autoria não informada). Disponível em:

https://upload.wikimedia.org/wikipedia/pt/a/a7/Jovelina_Perola_Negra.jpg

Clique aqui para ouvir "Sorriso Aberto" na voz de Jovelina

Sorriso aberto

Composição de Guaracy Sant'anna
Eternizada na voz de Jovelina Pérola Negra

É. Foi ruim a beça
Mas pensei depressa
Numa solução para a depressão
Fui ao violão

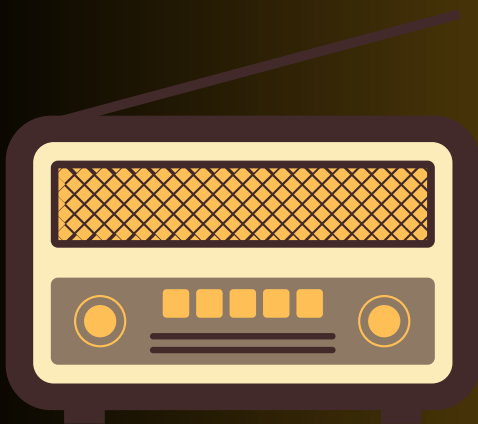
Fiz alguns acordes
Mas pela desordem
do meu coração
Não foi mole não
Quase que sofri desilusão
Quase que sofri desilusão

Tristeza foi assim

Se aproveitando pra tentar
Se aproximar, ai de mim
Se não fosse o pandeiro
o ganzá e o tamborim
Pra ajudar a marcar meu tamborim
Pra ajudar a marcar meu tamborim

Logo eu com meu sorriso aberto
O paraíso perto, pra vida melhorar
Malandro desse tipo
Que balança mais não cai
De qualquer jeito vai
Ficar bem mais legal
Pra nivelar a vida em alto astral
Pra nivelar a vida em alto astral

Samba aqui, samba ali
Samba lá



Eu apenas queria que você soubesse
Gonzaguinha

Eu apenas queria que você soubesse
Que aquela alegria ainda está comigo
E que a minha ternura não ficou na estrada
Não ficou no tempo presa na poeira
Eu apenas queria que você soubesse
Que esta menina hoje é uma mulher
E que esta mulher é uma menina
Que colheu seu fruto flor do seu carinho
Eu apenas queria dizer a todo mundo que me gosta
Que hoje eu me gosto muito mais
Porque me entendo muito mais também
E que a atitude de recomeçar é todo dia toda hora
É se respeitar na sua força e fé
E se olhar bem fundo até o dedão do pé
Eu apenas queira que você soubesse
Que essa criança brinca nesta roda
E não teme o corte de novas feridas
Pois tem a saúde que aprendeu com a vida
Eu apenas queria que você soubesse
Que aquela alegria ainda está comigo
E que a minha ternura não ficou na estrada
Não ficou no tempo presa na poeira
Eu apenas queria que você soubesse
Que esta menina hoje é uma mulher
E que esta mulher é uma menina
Que colheu seu fruto flor do seu carinho
Eu apenas queria dizer a todo mundo que me gosta
Que hoje eu me gosto muito mais
Porque me entendo muito mais também

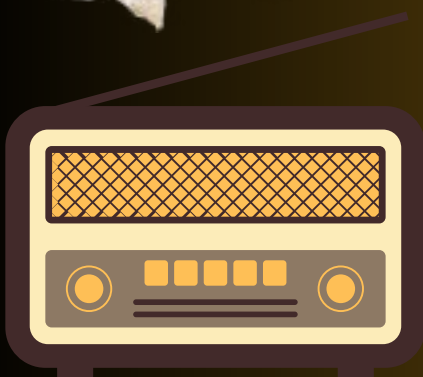



Imagem 4 - Fotografia de Gonzaguinha
Fonte: Discogs (autoria não informada).

Disponível em:

https://www.discogs.com/artist/360330-Gonzaguinha/image/SWlhZ2U6NTg0ND_MzOQ_

[Clique aqui para
ouvir a música](#)





"Sorriso aberto", na voz de Jovelina Pérola Negra, e "Eu apenas queria que você soubesse", do Gonzaguinha. Uma fala de onde eu venho, a outra de onde estou e pra onde quero ir.

Venho dessa musicalidade, desse cantar e dançar junto que a minha mãe me ensinou. Viajo no tempo e volto à cozinha num domingo na minha infância, preparando almoço e sambando com ela.

Volto ao hoje, nessa ansia de dizer pra quem é importante pra mim: sigo nesse caminho, de cabeça erguida pras batalhas, mas olhando também pras belezas. Olhando lá bem fundo dentro de mim, mas querendo compartilhar afetos porque ninguém se faz só.

E foi um presente ouvir cada pessoa e saber de coisas/sentimentos/vivências importantes dessas trajetórias que se cruzam nessa Pés de gente que quer se fortalecer na jornada da educação antirracista.



Naquela semana, labei louca ouvindo a playlist montada com as músicas citadas na aula. Um elo formado mesmo à distancia. O online pode não ser tão distante.

Há encontros em nossas histórias. O som que toca na sua casa talvez toque aqui também. O que te toca também pode me tocar.

Se quiser ouvir a junção das nossas músicas, é só clicar no link na página a seguir. Quem sabe a gente encontra links entre tantos sons, entre tantas vidas...





Imagem 5 - Montagem com print screen de telas do celular
Fonte: Playlist criada no Spotify pelas coordenadoras do curso. Disponível em: https://open.spotify.com/playlist/5htxNwWYljAQ0HpeHdGChR?si=V0ANunQsRtG8jmy93_Y5Ew&pi=xamXQI32Rn6wI

Uma carta a
quem me lê





Santo André, SP, Brasil. América Latina. Planeta Terra.
08 de maio de 2024.

Eu trago muitas perguntas. Sobre mim, sobre o mundo, sobre o humano. Ter resposta pra tudo é sobre-humano, não acham?

Então já inicio com a expectativa de encontrar algumas respostas, mas não todas. É uma aposta num caminho que se faz desdobrando perguntas e mais perguntas. Eu me quero mais humana, não sobre-humana carregada de respostas.

E é na junção humana que me faço mais humana, mesmo que essa repetição de palavras pareça um equívoco na escrita. Eu me canso e me levanto, mas não sozinha: muita gente faz e já fez muito mais, lutando contra tantas tentativas de desumanizar uma parte da humanidade. E mesmo quando nos partem, nos quebram, juntamos nossos pedacos.

Isso me faz lembrar de uma poesia escrita por uma das escritoras que me tocam profundamente. No olhar pro mundo e no chamado ao movimento.





Imagem 6 - Capa do livro
Poesia completa
Fonte: Acervo de Silmara



Imagem 7 - Fotografia de Maya Angelou
Fonte: Site Essence GU (autoria não informada).
Disponível em: https://girlsunited.essence.com/wp-content/uploads/2022/01/GUWeb_MAHheaderArt-01-1920x1080.jpg?width=1920

Você pode me marcar na história
Com suas mentiras amargas e distorcidas
Você pode me esmagar na própria terra
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar
[...]
Assim como as luas e como os sóis,
Com a certeza das marés,
Assim como a esperança brotando,
Ainda assim, eu vou me levantar
[...]
Você pode me fuzilar com suas palavras,
Você pode me cortar com seus olhos,
Você pode me matar com seu ódio,
Mas ainda, como o ar, eu vou me levantar
(Angelou, 2020, p. 175).







Escrever é uma forma de me levantar. E, quem sabe, me levantar junto com mais gente? Pode ser que pra vocês algumas dessas palavras também façam sentido.

Por isso, tomei coragem de tirar minhas perguntas da mochila que carrego. Tirá-la das costas e mostrar um pouco do que tem ali dentro e aqui dentro de mim. Vou abrindo a minha mochila, vou abrindo-me a você que lê estas páginas.

De cara, mesmo sem ver seus rostos, saber seus nomes, fico com a curiosidade... Onde vocês guardam as suas perguntas? Vocês também carregam por aí uma mochila? Uma bolsa? Uma mala de 23 quilos? A mochila, a bolsa, a mala, ou o que for, anda com vocês pelas ruas? Ou vocês guardam embaixo da cama? Ou em cima do guarda-roupas pra ninguém mexer?

Têm dias que uma bolsa pequena me basta. Outros dias, preciso da mochila. Hoje é um dia que sinto a necessidade de abrir a mala maior de todas. Mais que isso: abrir os armários, os álbuns de fotografia, os cadernos, as caixas de discos.



Hoje é um daqueles dias em que viro criança curiosa. Por que isso aconteceu assim? Por que aquilo não foi de outro jeito? Por quê? Onde? Como? Quando?

E com quem? Com quem caminhamos? Com quem dialogamos? Com quem nos humanizamos?

Quero trazer pras nossas conversas um cadinho de quem ouço, leio, vejo. Num trabalho acadêmico, chamam isso de referências. Eu chamo de humanas e humanos que ajudam na minha humanização.

Quero falar pra vocês sobre humanas que me falam bem lá no fundo. Que não são sobre-humanas, nem sub-humanas. Eu e elas recusamos a tentativa brutal de nos desumanizar.

Humanas. Em sua maioria, mulheres negras. Algumas daquelas que me fazem sentir, que me fazem sentido. Que me fazem sentir que a vida tem sentido.

Por exemplo, no livro "Memórias da Plantação", Grada Kilomba traz a fala de Kathleen, uma das mulheres participantes de sua pesquisa.



Imagem 8 - Fotografia de Grada Kilomba
Fonte: Bem Blogado (autoria não informada).


Disponível em: <https://bemblogado.com.br/site/wp-content/uploads/2019/09/Grada-Kilomba.jpg>.



Imagem 9 - Capa do livro
Memórias da plantação
Fonte: Acervo de Silmara

“Não desejo ser super-humana mais do que desejo não ser subhumana”. diz Kathleen. “Quando estou com raiva, quero ter a liberdade de ficar com raiva, e quando estou fraca, gostaria de ter a liberdade de ser fraca.” Kathleen associa à ideia de perfeccionismo o conceito de alienação, já que o sujeito negro tem de existir como imagem alienante de si mesmo, seja ela criada por brancas/os, seja ela criada em oposição à branquitude. Kathleen, ao contrário, quer existir em toda a sua complexidade: zangada, quieta, forte, fraca, alegre, triste: como sabendo as respostas, como não as sabendo de todo (Kilomba, 2019, p. 234-235).







Você talvez esteja pensando que isso não pode ser um Trabalho de Conclusão de Curso. Ou que ele não se enquadra nas regras habituais. Sim, isto é um TCC. Com cartas, bilhetes e perguntas. Porque não sei muitas coisas.

Pode ser assim? E eu devolvo a pergunta: quem determina o que pode e o que não pode, na escrita e na vida?

Na tentativa de que vocês entendam como cheguei à possibilidade de escrever este trabalho assim, preciso contar um pouco sobre a nossa turma e nosso curso de Pós Graduação em Educação e Relações Étnico-Raciais: Investigações de Cosmopercepções Amefricanas.

Nossa turma teve início em abril de 2023, naquela aula em que montamos a playlist que contei pra vocês.

Nosso caminho não foi linear, assim como a vida não é. A gente passou por curvas, deu voltas em torno do que precisava ser olhado, sentido, compreendido, compartilhado. Um caminho que mexeu lá dentro de cada pessoa que fez parte dele.



A vida não é linha reta e isso me convida e me convoca a escrever com as curvas que penso e sinto.

Eu não quero encaixotar, enquadrar, disciplinar minha escrita, nem meus pensamentos e sentimentos.

A escrita acadêmica não costuma autorizar curvas. E muitas vezes, a gente se curva a um jeito duro de escrever. Quatro linhas fechando uma caixa. Caixa nela ou não exista.

Mas eis que vocês têm em mãos uma escrita com curvas. Com meus nós. Caminho entre a primeira pessoa do singular e a do plural. Trago traços e pedaços de mim. Trago traços e pedaços de nós.

Nós pensamos. Nós sentimos. Nós fazemos. Nós temos nós na garganta, no peito, na mente, no corpo todo. Mas também temos o nós de coletivo, de comunidade. Além de nós que apertam, temos nós - os nossos e as nossas - que fazem laços e ajudam a sair das amarras feitas pra nos quebrar.

Enquanto escrevo esta carta, não sei quais serão as conclusões deste Trabalho de Conclusão de Curso. Mas desejo que carreguemos a noção de que em isolamento não se faz resistência nem existência. Mesmo quando estamos sós, precisamos saber que existe o nós - ainda que em outros espaços e tempos.

Que nossa conclusão não seja um fim, mas uma continuidade.


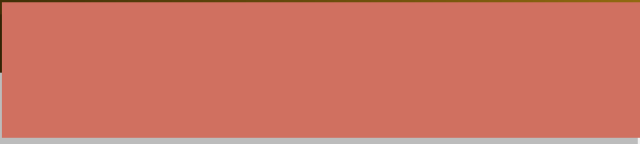
Seguir trabalhando. Olhando com atenção pras nossas individualidades e cuidando delas. Construindo e fortalecendo nossas coletividades, também com cuidado.



Imagem 10- Crianças em roda

Fonte: Site da Escola de Educação Permanente (autoria não informada).

Disponível em: <https://eep.hc.fm.usp.br/ubuntu/images/ubuntu9.jpg>.




Trabalho numa escrita com curvas e sem esquecer que do outro lado estão vocês fazendo outro trabalho. O trabalho da leitura. Desejo que possamos nos conectar. Espero conseguir juntar minha mão com a sua, meu corpo com o seu, numa dança de sentir, juntar sentidos e sentires. Vocês não precisam sentir como eu. Mas desejo que deem aos seus sentires o cuidado merecido.

Não precisamos dançar igualzinho. Podemos soltar as mãos e continuar nos acompanhando pelo olhar. Podemos seguir curvas diferentes e ainda assim ouvir os passos da outra pessoa.

Se a próxima curva se distanciar muito, espero que antes a gente tenha trocado um abraço, que me permita ficar com seu cheiro na minha caminhada e você fique com o meu na continuidade da sua estrada.

Porque somos mais que visões. Somos percepções várias. E vai ser bonito se mais à frente a gente se encontrar de novo.


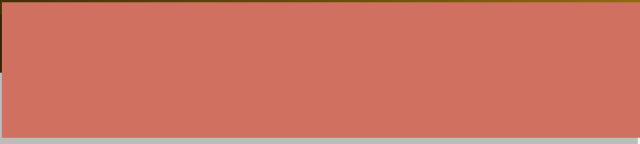


Que além de um "oi" apressado, a gente se convida pra sentar com tempo depois de tanto andar. A vida pode ser mais que correr. Então aceito um café, uma cerveja, um vinho. Pra olhar pro que fomos, somos e queremos ser.

Cada um, cada uma, em comunidade. Ainda há tempo pra reaprender a se nutrir em coletividade. Eu gosto de feijão de corda e de sobremesa açaí com paçoca. Mas isso não me impede de experimentar o que mais te agrada. Podemos conversar sobre isso - acho que essa conversa "dá caldo".

Desde que a gente consiga escutar e ganhar escuta, tá valendo o percurso. Então a gente se vê? Nos corres, nas caminhadas e nas pausas, espero encontrar vocês. Em outras palavras, este TLC é também um convite ao compartilhar, ao conviver. Um convite à troca entre vidas humanas.

Dito isso, espero que vocês continuem nessa leitura. Cada pessoa pode ler no seu tempo. De uma vez ou em pequenas porções. Se possível, me conta depois o que você sentiu-pensou. Eu sou uma curiosa por gentes e por sentires-pensares. Então, se sentir vontade, me conta mesmo.



Eu vou escrever em porções. Às vezes, como conta-gotas. Às vezes, como cachoeira. Essa é uma das poucas coisas que consigo contar sobre o que virá nas próximas páginas. Porque vou construir o caminho caminhando. Vou escrever ouvindo o que está aqui dentro e também ao meu redor. Escrever em movimento.

Uma escrita insubmissa aos planos quadrados, às caixas e suas fitas que prendem. Uma escrita que se quer desamarrando os nós que negam nossa existência como individualidades e coletividades. Uma escrita que se quer subvertendo os versículos da "bíblia" acadêmica.

Preciso te contar que "aprendi" na universidade que a Introdução é a última coisa que se escreve em um trabalho. Pra contar como tudo foi feito, como o caminho foi trilhado.

Em outras palavras, introdução deveria dizer o que vem pela frente. Mas eu também não sei exatamente. E decidi começar assim, te contando honestamente como estou no início.



Sei de algumas perguntas e desejos de pesquisa. Mas te conto na próxima carta. Agora preciso almoçar e depois recolher a roupa do varal, que secou rápido, enquanto eu escrevia. Hoje faz um tempo bonito. Com sol e vento. Do jeito que eu gosto.

Mais uma carta
a quem me lê






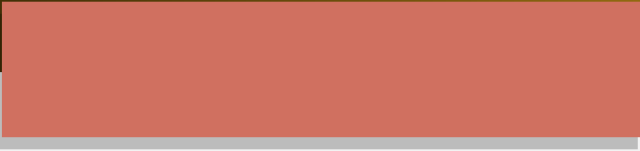
Santo André, SP, Brasil, América Latina, Planeta Terra,
22 de maio de 2024.

Duas semanas se passaram desde a primeira carta. Escrevo do mesmo lugar, o quintal de casa. Outras roupas no varal. O sol voltou, depois de dias mais frios e nublados.

Sinto que preciso de sol e dias quentes pra conseguir escrever. Escrevo do lugar mais quente da casa, este quintal de onde posso ver o céu.

Mas escrevo do mesmo lugar? Sim e não. Sabe aquela história de que não se entra no mesmo rio duas vezes? Porque nem você nem o rio são mais os mesmos na próxima entrada...

O quintal tem suas mudanças. O pé de cravo grita o outono. As pétalas se espalham pelo chão e pelos vasos de plantas. Folhas secas ficam com um marrom mais intenso. E sabe-se lá quantas mudanças mais aconteceram nesses poucos metros quadrados em duas semanas?


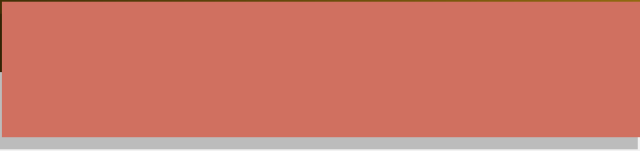


Se o quintal já não é o mesmo - mas também é, porque aqui continuo encontrando serenidade pra respirar, ler e escrever -, e eu, ainda sou a mesma da primeira carta?

Também sim e não. Mantenho as palavras que trouxe ao papel. Mas incluiria tantas outras, que não me ocorreram antes, que pensei-senti depois.

Essas paradas que faço, pra observar o tempo e seus movimentos, é um movimento que tem me acompanhado nos últimos tempos. Questões. Perguntas. Vocês se lembram que eu prometi contar sobre minhas perguntas? Contarei.

Cada vez mais olho com atenção, curiosidade e cuidado para quem veio antes de mim. Numa sociedade que nos apressa com uma velocidade que dilacera, eu quero olhar com calma pra quem já não é tão veloz.




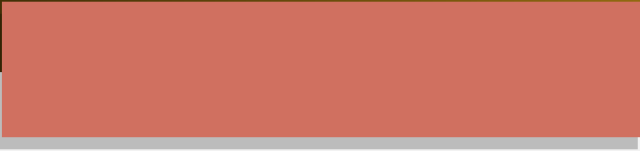
Numa sociedade em que o interessante parece estar somente no novo, eu me interesso pelo velho. Numa sociedade em que se chega a rápidas conclusões, olhando pra superfície, eu quero me relacionar profundamente e fazer perguntas honestas a quem já viveu mais que eu.

Numa sociedade em que a novidade se chama Inteligência Artificial, a velhice me traz novidades, bonitas ou sofridas, de ontem e de hoje. Encontro lembranças e descobertas genuinamente humanas, que me ensinam sobre integridade, que envolve inteligência, sabedoria, emoção e um etcétera que só cabe na complexidade humana.

...

Por falar nisso, vocês se lembram que na primeira carta eu falei dessa busca-luta pela afirmação da nossa condição humana, né? Fiquei batendo nessa tecla, aquele papo de nem sub, nem sobre. Somos humanas.

Olha, eu sei que tem muitas questões históricas por trás dessa afirmação. E depois da primeira carta, fiquei pensando em como trazer essa dimensão pra nossa conversa.

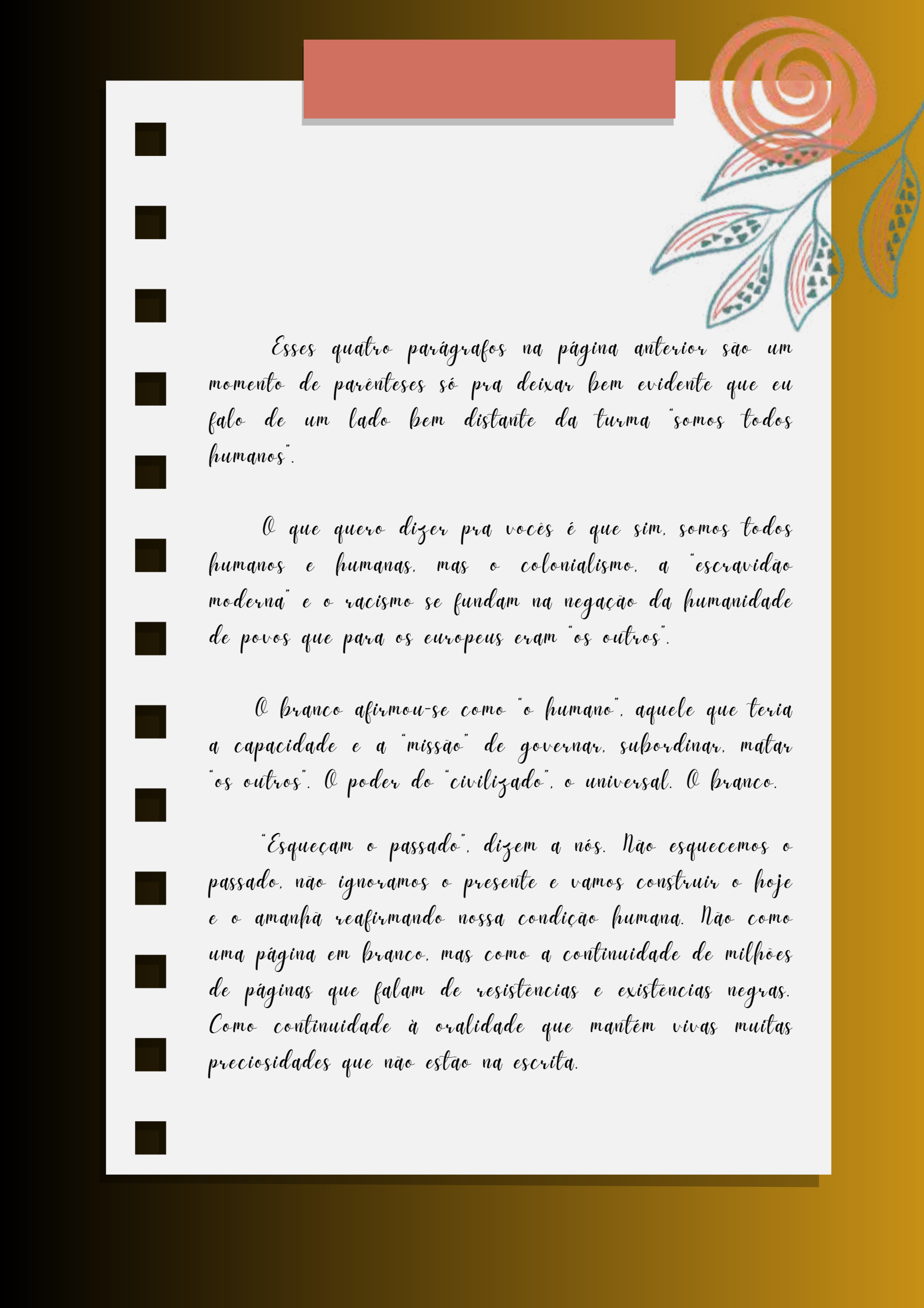


Confesso que fiquei com receio de que vocês pensassem que eu estava naquele caminho da afirmação rasa "Somos todos humanos", que também pode aparecer na forma "Somos todos iguais". Vira e mexe, essas frases são usadas na tentativa de fechar a porta pro debate que problematiza o racismo.

Então, deixo registrado que não compactuo com esse "senso comum" que, aliás, se multiplica principalmente todo mês de novembro. "Não precisamos de Consciência Negra, precisamos de uma consciência humana", eles dizem.

E lá vamos nós, uma vez mais, "explicar" que o 20 de novembro tem um significado histórico, como referência de luta contra a escravidão, como exemplo de construção de uma república livre, a República de Palmares.

E lá vamos nós, uma vez mais, "explicar" que não vivemos "somente" os resquícios dos tempos da escravidão - o que já seria muita coisa. Mas além disso, o racismo se reatualiza, com discursos e ações de hierarquização entre humanos. Ou seja, o racismo segue negando a condição humana de uma parte da humanidade.




Esses quatro parágrafos na página anterior são um momento de parênteses só pra deixar bem evidente que eu falo de um lado bem distante da turma "somos todos humanos".

O que quero dizer pra vocês é que sim, somos todos humanos e humanas, mas o colonialismo, a "escravidão moderna" e o racismo se fundam na negação da humanidade de povos que para os europeus eram "os outros".

O branco afirmou-se como "o humano", aquele que teria a capacidade e a "missão" de governar, subordinar, matar "os outros". O poder do "civilizado", o universal. O branco.

"Esqueçam o passado", dizem a nós. Não esquecemos o passado, não ignoramos o presente e vamos construir o hoje e o amanhã reafirmando nossa condição humana. Não como uma página em branco, mas como a continuidade de milhões de páginas que falam de resistências e existências negras. Como continuidade à oralidade que mantém vivas muitas preciosidades que não estão na escrita.



Defender nossa condição humana envolve (re) conhecer as histórias das lutas negras - de Palmares a nossas mães, mesmo que nossas mães tenham resistido e existido, sozinhas ou em pequenas junções, sem conhecer a existência e a resistência de Palmares.

E assim me aproximo do que quero contar pra vocês, a minha pergunta principal.

O que me fica de quem veio antes de mim?

Nesse olhar curioso e cuidadoso para as pessoas mais velhas ao meu redor, aparecem rostos que me nutrem. Principalmente de mulheres.

Elas estão em mim. Em um tanto de coisas, eu me vejo nelas e as vejo em mim. Em outro tanto, percebo que tempos, possibilidades e escolhas são alguns dos ingredientes que compõem trajetórias diferentes.

Audre Lorde me ajuda a pensar e sentir:

[...] Ao ignorar o passado, somos incentivadas a repetir seus erros. O "conflito de gerações" é uma ferramenta social importante de qualquer sociedade repressora. Se os membros mais jovens de uma comunidade veem os mais velhos como desprezíveis ou suspeitos ou dispensáveis, eles nunca poderão dar as mãos e examinar a memória viva da comunidade, nem fazer a pergunta mais importante: "Por quê?". Isso provoca uma amnésia histórica que nos mantém trabalhando na invenção da roda toda vez que precisamos ir ao mercado comprar pão.

Nós nos pegamos tendo de repetir e reaprender as mesmas velhas lições várias e várias vezes, as mesmas pelas quais nossas mães passaram, porque não transmitimos o que aprendemos ou por sermos incapazes de ouvir (Lorde, 2023, p. 144-145)

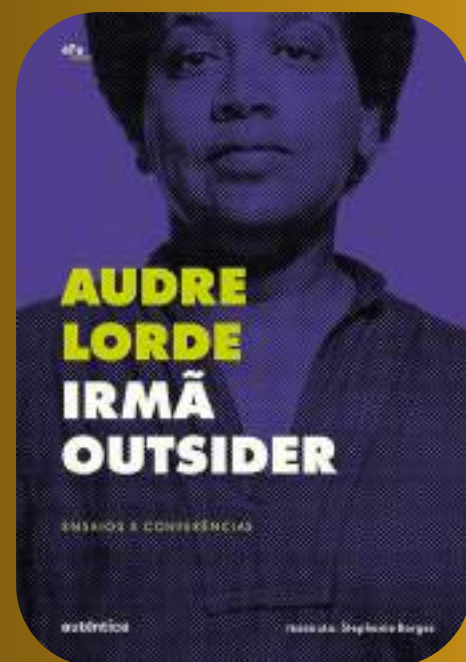



Imagem II - Capa do livro
Irmã outsider
Fonte: Acervo de Silmara





Quero aprender a ouvir. E ao ouvir, aprender com quem veio antes. Voltando àquela história "de Palmares a nossas mães", quero contar pra vocês um pouco da(s) história(s) da minha mãe: a minha mais velha. Estou tentando que ela me conte um tanto mais do que sei sobre ela.

Dia desses eu disse pra Dona Maria: "Mãe, vou fazer um trabalho com histórias de mulheres mais velhas. Você me ajuda? Me conta sua história?". Prontamente, sua primeira resposta: "Ah, eu não tenho, não".

Mas toda pessoa tem história...

Mas toda pessoa tem história...

Mas toda pessoa tem história...


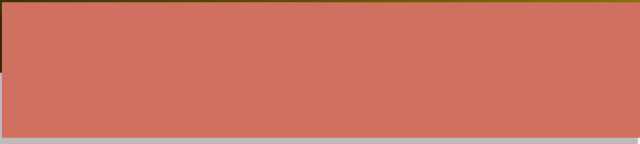
Mas toda pessoa tem história...

Mas toda pessoa tem história...

Mas toda pessoa tem história...

Mas toda pessoa tem história...

Mas toda pessoa tem história...



Mal respirei e respondi algo assim: "Mas é lógico que tem". E ela: "Só se for das brincadeiras de quando eu era criança". Na mesma conversa, o não virou um quase-sim: ela aceitou falar de uma parte da sua história - a infância.

O tempo de criança traz boas sensações pra minha mãe. A velhice tem acumulado muitas dores. E das dores dela, eu sei bastante coisa. Talvez seja a hora de driblar as dores e olhar pras belezas. Talvez seja esse o caminho pra ela perceber que tem história, sim. Que assim seja.


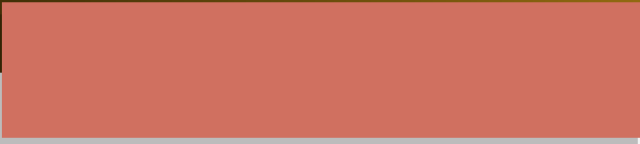
Tudo isso fica ecoando em mim.

Tudo isso fica.

Ecos em mim.

Como professora de Educação Infantil, penso e sinto que o brincar é um lugar muito especial da nossa humanidade - e que não deveria se findar com o tempo da infância. Então, que bom que minha mais velha queira falar disso.

Como cientista social, sei que as opressões de gênero e raça se fizeram e se fazem presentes na vida da minha mãe, a ponto de ela afirmar que não tem história pra contar.



Como filha, penso e sinto um turbilhão de coisas. E celebro que minha mãe se levante querendo falar do seu tempo de menina. E respeito se ela não quiser falar de outros tempos. Isso também diz sobre a história dela.

Vocês já ouviram aquela frase: "tudo que é humano não me é estranho"? Pois é, tudo que é humano tem história. Toda mulher tem história. Toda mulher negra tem história. A Dona Maria tem história.

A Dona Maria tem história.

A Dona Maria tem história.

A Dona Maria tem história.


A Dona Maria tem história.

A Dona Maria tem história.

A Dona Maria tem história.

A Dona Maria tem história.

A Dona Maria tem história.




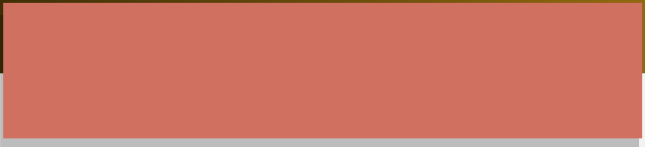
Nessas idas e vindas em torno do tempo, eu oscilo entre lembrar partes importantes que já conheço da história da minha mãe e desejar conhecer as partes que não chegaram a mim ou não fui capaz de alcançar, entender, sentir em outros momentos da vida.

É, talvez envelhecer tenha um tanto disso: querer alcançar o que antes não alcançou, ver e sentir o que antes não viu nem sentiu. Ela envelhece. E eu também. Olho-me no espelho e vejo semelhanças com a mãe da minha infância. Olho-me no espelho e vejo também diferenças. Sinto nosso abraço e vejo o encontro.

Encontro de duas gerações. Encontros e desencontros de sonhos e desejos, realizados e frustrados. Um dia li que somos o sonho realizado de nossas ancestrais...

Sim e não.

Alguns sonhos que eu pude sonhar, minha mãe não pôde. Alguns sonhos que ela sonhou, pra mim já não cabiam. Porque vivemos tempos e condições diferentes. Mas também porque não somos a mesma pessoa.



Encontros e desencontros. Continuidades e
descontinuidades. Eu acredito que tudo isso cabe no amor.
É baseada no amor que tento me aproximar à(s) história(s)
da minha mãe, da minha mãezinha.

Com amor.

Com pressa.

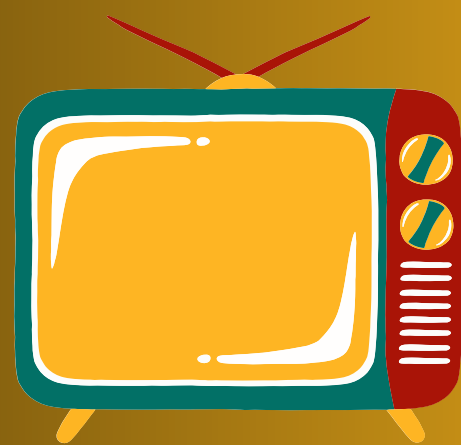
E com calma.

Com a pressa de quem sente o tempo passar e vê os
problemas de saúde da mais velha tornarem os dias dela
mais difíceis. Com a pressa de quem tem medo do fim de
quem ama.

Com a calma de quem quer aprender a ouvir mais. De
quem percebe que o tempo da mente e do coração da mais
velha já é outro. E que esse tempo, além de merecer
respeito, ele também ensina.

Então, acalmo meu coração. Lembro de mim dizendo a
você que não sou sobre-humana. Que tenho muito mais
perguntas que respostas. Que ninguém tem controle sobre um
pedaço de coisas, como o tempo da vida.

Antes de terminar esta carta, preciso contar sobre um trecho da entrevista da Grada Kilomba, semana passada, no Programa Roda Viva. É possível que vocês tenham visto. Ela afirma o seguinte:



“Eu não sei tudo. Não tenho que saber tudo. Nem tenho que vencer tudo. Nem tenho que ser escolhida pra tudo. Nem tenho que estar presente em tudo. Eu tenho que seguir o meu caminho, conforme as minhas questões e as minhas respostas. E quando eu abandono essa equação da desidealização e idealização, eu posso ser humana. E o que é uma pessoa humana? É uma pessoa que às vezes sabe e às vezes não sabe” (Kilomba, 2023).


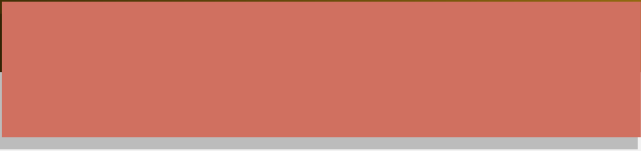
[Clique aqui para assistir ao Roda Viva com Grada Kilomba](#)



Imagem 12 - Fotografia de Grada Kilomba

Fonte: Site do Jornal do Comércio (autoria não informada). Disponível em:

https://www.jornaldocomercio.com/_midias/jpg/2024/05/09/dbecf8e643e62d3d449e91d88fe3d882-10559696.jpeg



Fico pensando que essas palavras devem estar ecoando em muitas pessoas. Em mim, ecoam fortalecendo aquela afirmação de que não somos sobre-humanas, não temos respostas pra tudo.

Essas palavras chegaram pra mim como se dissessem: "Sua primeira carta não é uma 'viagem'". Faz sentido e se faz necessário lembrar que não podemos carregar o mundo em nossas costas.

Agora, escrevendo esta carta, e contando pra vocês que trarei minha mãe pras próximas páginas, as palavras de Grada Kilomba também me levam a pensar-sentir que o não-saber foi colocado como uma carga muito pesada às nossas mais velhas.

Não que a nossa geração já tenha se livrado desse fardo. Mas olho pra minha mãe e lembro de tantos momentos em que ela disse: "Eu não sei. Sou burra". Além de dizer pra ela: "Não, não e não. Isso não é verdade", desejo muito que minha mãe enxergue os seus saberes e consiga ver o grande valor que eles têm.

Busco as palavras
pra contar pra ela que
sem os seus saberes, eu
não teria trilhado como
trilhei os meus
caminhos de saber.

Mais que isso, busco
as palavras pra dizer
que tem um bocado de
coisas que ela sabe e
eu não sei. Que eu
gostaria de saber pelo
menos um tanto. Que eu
valorizo e admiro os
seus saberes.

E que ela está em
mim enquanto sigo
aprendendo pelo mundo,
passando por lugares
que ela não teve a
possibilidade nem de
desejar.



Imagem 13 - Montagem com 3 fotografias
de Maria e Silmara

Fonte: Acervo pessoal da autora (fotografias
feitas por Robson Rodrigues da Silva)



Lembrete número 1

Cantar e dançar é uma forma de resistir
Cantar e dançar é uma forma de existir

Minha mãe me ensinou
Sem precisar dizer

Ela me ensinou cantando
Ela me ensinou dançando
Ela me ensinou fazendo
Mesmo quando havia lágrimas
Principalmente quando havia



O tempo passava e eu não deixava de vigiar minha mãe. Ela era o meu tempo. Sol, se estava alegre: lágrimas, tempo de muitas chuvas. Dúvidas, sofrimentos que dificilmente ela verbalizava, eu adivinhava pela nebulosidade de seu rosto. Mas anterior a qualquer névoa, a qualquer chuva havia sempre o sorriso, a graça, o canto da brincadeira com as meninas-filhas ou como as meninas-filhas. Foi daquele tempo meu amalgamado ao dela que me nasceu a sensação de que cada mulher comporta em si a calma e o desespero (Evaristo, 2021, p. 21).



Imagem 14 - Capa do livro Poemas da recordação e outros movimentos
Fonte: Acervo de Silmara

Faço silêncio e relembro como eu, menina, vigiava a minha mãe... Faço silêncio em respeito a cada mulher que carrega a calma e o desespero.



*A minha mais
velha e eu*



Quando eu era menina



Imagem 15 - Maria e Silmara
Fonte: Acervo pessoal da autora



*Juntando partes
de nós (1)*

Vila Guarani, zona sul de São Paulo

Naquelas ruas caminhamos.

Feira.

Farmácia.

Açougue.

Mercadinho.

Costureira.

Benzedeira.

Cabeleireira...

*Na cabeleireira, se conversava sobre o cotidiano.
Sexta-feira: ficar na "estica" com cabelos esticados.
E eu fiquei feliz quando pude usar o henê.
Como minha mãe.*



Juntando partes de nós (2)

Fins de semana eram assim...

Sábado

Dia de feira.

Salsinha e coentro, sempre na mesma barraca.
Em diferentes pontos, encontros não agendados.

Universo feminino.

Carrinhos parados no meio do caminho...
dificultam a passagem de apressados,
mas dão passagem a notícias e papos.

Papos comuns.

Comunidade.

Domingo

Dia de preparar o almoço mais importante da semana.

Só nós duas na cozinha.

Descasca, refoga, mistura, tempera.

Tudo no ritmo da música.

Quase sempre, samba.

E como ela sambava...





Imagem I6 - Capa da fita k7 Martinho da Vila
Fonte: Site RT Leilões. Disponível em
<https://www.rtleiloes.com.br/peca.asp?ID=21927208>

[Clique aqui pra ouvir o álbum "Martinho da Vila" \(1974\).](#)

Renascer das cinzas
Martinho da Vila

Vamos renascer das cinzas
Plantar de novo o arvoredo
Bom calor nas mãos unidas
Na cabeça de um grande
enredo

Ala de compositores
Mandando o samba no
terreiro
Cabrocha sambando
Cuíca roncando
Viola e pandeiro

No meio da quadra
Pela madrugada
Um senhor partideiro

Sambar na avenida
De azul e branco
É o nosso papel
Mostrando pro povo
Que o berço do samba
É em Vila Isabel
Tão bonita a nossa escola!
É é tão bom cantarolar
La, la, iá, iá, iá, iá, ra iá
La, ra, iá

Muitas vezes, lágrimas caíam dos olhos, mas os pés voltavam a sambar. Um verdadeiro renascer das cinzas.

Um dos discos que mais tocava em casa trazia o sotaque de Mãinha. E nos levava pra muitos lugares...

Libertem Mandela
Banda Reflexu's

Batalhas e conflitos
vítimas de sofrimentos
sou eu um negro bonito
desabafando meus sentimentos

De geração em geração
que é discriminado o negão
e hoje somos cultura
nosso grito de força é a nossa união

Tire, tire o chapéu e levante a mão
Tire, tire o chapéu e levante a mão
Diga não ao Apartheid e liberte Mandela
Nosso grande irmão



Imagem 17 - Capa do LP Reflexus da Mãe África
Fonte: Site Discogs

[Clique aqui para ouvir o álbum "Reflexu's da Mãe África" \(1987\).](#)



Juntando partes de nós (3)

As cartas pra tia Filhinha

Costumo dizer que sempre gostei de escrever cartas... Mas "sempre" é muito tempo. Então, quando comecei? Não sei. Mas sei que, ainda criança, passei a escrever cartas pra tia Filhinha.

Não eram cartas minhas. Eu me tornei escriba da minha mãe. Com o tempo, já sabia como começar, mas depois ouvia atentamente o que ela pedia pra eu incluir.

De uns tempos pra cá, me pergunto o que significa ser essa ponte entre duas irmãs, uma vivendo aqui em São Paulo e outra na cidade natal, lá na Bahia.

Minha mãe estudou pouco. "Até a 4ª série", ela sempre lembra. O suficiente pra escrever o próprio nome, mas não pra ter a segurança de escrever sozinha uma carta.



Só agora, escrevendo estas linhas, me pergunto: E antes, quem escrevia? Ninguém? Alguém? Minha própria mãe?

Tremo um tanto por dentro ao pensar: será que a minha escrita se sobrepôs à escrita da minha mais velha? Será que ela parou de escrever quando eu comecei?

Lembro que ela tinha um caderno de receitas em que anotava com seu jeito e sua letra: ingredientes e como fazer. Como a receita daquela cocada que fazíamos juntas começando com 22 colheres de açúcar.

Acho que a tia Filhinha nunca comeu aquela cocada... Sei tão pouco dela. Guardo quase nada do seu semblante, mas sinto o coração ficar mais quente quando lembro do empenho de duas irmãs em manter algum contato, mesmo à distância.

Dia desses, minha mãe me contou que a sua irmã não foi à escola. Sendo mais velha, muito cedo começou a trabalhar "em casa de família". Curiosa, fiquei me perguntando: quem lia as cartas que a gente mandava pra tia Filhinha?





Santo André, SP, Brasil, América Latina, Planeta Terra
06 de novembro de 2024.

Nunca escrevi uma carta pra minha mãe. Quer dizer,
já escrevi, mas nunca entreguei.

Não sei se isso é uma carta pra minha mãe.

Só sei que preciso escrever.

Voltei às nossas andanças de quando eu era criança.
Voltei ao tempo em que o seu andar era ligeiro e não
cheio de dores.

Parece inevitável. Mesmo quando olho pro passado
do qual nós duas gostamos de lembrar, meus olhos se
enchem.

Olhar pro que fizemos juntas e já não podemos fazer
mais me coloca um nó na garganta difícil de desatar. É
daqueles nós que pesam.



Ontem, enquanto eu passava pelos corredores do supermercado à procura de um bolo pra comemorar o seu aniversário de setenta e seis anos, vi mulheres idosas andando, escolhendo o que levar.

Tudo que eu queria naquele momento era que você pudesse fazer o mesmo: andar. Desejei que pudesse estar ali e escolher o bolo.

Engulo a saliva repetidamente, numa batalha contra esse nó. O nó de saber que a dor tem sido tao intensa e constante em seus dias.

Mas eu lembro dos abraços que pude te dar neste aniversário. Da flor que te entreguei e que vai receber seu olhar cotidiano cuidadoso.

Há vida.

Sendo assim, posso te agradecer. Pela vida que me deu. Pelo que vivemos juntas.



Tenho escutado várias músicas que preenchiam meus domingos de menina. Eu preciso te agradecer por ter colocado pra tocar Jovelina Pérola Negra, Martinho da Vila, Banda Reflexu's... Quanta coisa importante eu sigo aprendendo com essas músicas. Quanta emoção profunda ainda se faz aqui dentro de mim a partir desses sons.

As viagens que nós não fizemos de corpo foram feitas através de discos e fitas cassete. Martinho nos levou pra Palmares e Angola. A Banda Reflexu's pra Bahia, Madagascar, Senegal, África do Sul.

Não fomos de corpo, mas sentimos no corpo.

E pelo corpo conheci heranças baianas que só fui entender muitos anos depois.

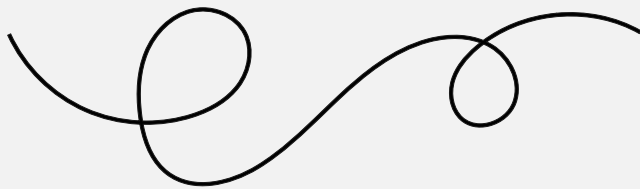
Nascida em SP, aprendi a sambar na ponta do pé. Quando te via sambando, não entendia as suas plantas dos pés juntas ao chão. Tudo fez sentido pra mim quando vi um samba de roda da Bahia.



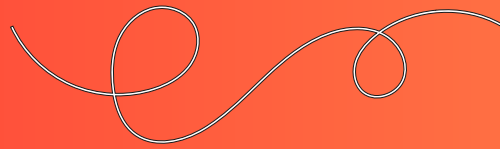
Pode colocar na lista enorme de coisas belas que a Dona Maria fez ao longo da vida: sambar em casa aos domingos.



A minha infância
foi mais bonita
porque vi
minha mãe
sambar



Lázaro Ramos, ao relatar vivências em sua terra natal, a Ilha do Paty, na Bahia, conta sobre esse jeito de sambar



As festas são sempre embaladas pelo samba do Recôncavo Baiano, que tem uma batida quebrada, um molejo diferente. Quem dança mexe só as cadeiras e toca o chão com os pés de uma maneira delicada, parece flutuar (Ramos, 2017, p. 22).



Imagem 18 - Capa do livro Na minha pele
Fonte: Acervo de Silmara

*Minha mãe ficava mais leve sambando.
Como se o samba retirasse os pesos da vida.
Sim, ao menos por instantes...
Ela flutuava!*

Lembrete número 2



Quando faltar a palavra
a gente dança

Quando houver,
a gente dança
também.

Cantando.



Conversas de hoje (pra guardar pro amanhã)



Imagem 19 - Maria e Silmara
Fonte: Acervo pessoal da autora



Juntando partes de nós (4)

Dia desses, minha mãe viu a entrevista de uma escritora na televisão. "Ela já é senhora", me disse. Mas não conseguia lembrar o nome. Descreveu a imagem: a mulher sentada, escrevendo.

Em seguida, aquela que me deu a vida lançou a interrogação: "É isso que você quer fazer quando ficar velhinha? Ficar escrevendo?". Embora surpresa com a pergunta, a resposta era afirmativa: "É, sim, mãe. É isso mesmo".

Agora, me pego com a pergunta: por que me surpreendi? Por que minha mãe imaginou na velhice a menina que pôs no mundo? Por que ela acertou em cheio um dos meus maiores desejos? Ou por que percebo a distância entre as possibilidades na minha velhice futura e a realidade da minha mãe hoje?

Ela não se sonhou velhinha escrevendo. O que minha mãe sonhou para si mesma na velhice? O que ela sonhou para o fim da vida? Velhice e fim da vida são sinônimos?



Imagem 20 - Fotografia da escritora Dinha
Fonte: Site Mandacaru Editorial (autoria não informada).
Disponível em: <https://mandacarueditorial.com/dinha/>

A mulher fundamental
Não tinha um livro na estante.
Não era presença constante
Das bibliotecas, jornais.

Trecho de A mulher fundamental
(Dinha, 2008, p. 38).



Imagem 21 - Capa do livro De passagem, mas não a passeio
Fonte: Acervo da autora

*Sim. Mãinha é mulher fundamental.
Sem ler livro ou jornal, me inspira a escrever...*



Imagem 22 - Capa do livro O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo - ensaios
Fonte: Acervo da autora



Imagem 23 - Fotografia da escritora Djaimilia Pereira de Almeida
Fonte: Portal da Literatura (autoria não informada). Disponível em: https://www.portaldaliteratura.com/assets/files_autores/4056.webp

Apenas neste tempo a vida que inventei e me escolheu pode ser a minha vida. Apenas neste tempo me posso dizer. Fosse eu minha avó, minha bisavó, e abafaria nos meus sonhos inquietos, nos meus pensamentos tortuosos. Fosse eu minha trisavó, preta de carapinha dura, e o meu destino seria o chicote. Ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo, uma mulher deste tempo, é escrever contra este facto, carregando-o às costas, sem deixar que ele me tolha. É fazer, a cada página, por abraçar e merecer a alegria cósmica, arbitrária, de ter nascido quem sou só agora. É na página que a responsabilidade advinda dessa alegria se joga. A página é o que me estaria impedido, não houvesse eu nascido em 1982. Estar à altura da minha responsabilidade é estar à altura de ter um lugar na página. A página é o que esteve vedado à minha avó, à minha bisavó, à minha mãe, às mulheres da minha vida (Almeida, 2023, p. 11).





Imagem 24 - Capa do livro Carolina Maria de Jesus: meu sonho é escrever
Fonte: Selin Trovoar. Disponível em <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1169669513386156&id=369488883404227&set=a.369646280055154>

[...] Por fim, decidi estudar. E estudava com assiduidade. Três meses depois eu percebi que já sabia ler. Era uma quarta-feira. Ao sair da escola, eu vi uma tabuleta escrito. Era o reclame de cinema, hoje puro sangue: "Som mix". Exclamei contentíssima:

- Eu... já... sei ler!

Eu ia lendo os nomes das ruas, das farmácias... Até aquela data, aquelas letras nada significavam para mim. Eu fui correndo para casa. Entrei rápida, como os raios solares. Mamãe assustou-se e interrogou-me:

- O que é isto? Está ficando louca?

- Oh! Mamãe! Eu já sei ler! Mamãe, como é bom saber ler.



Vasculhei as gavetas procurando qualquer coisa para eu ler. Uma vizinha emprestou-me um romance: Escrava Isaura. Compreendi tão bem o romance que chorei com dó da escrava que foi amarrada na corrente. E assim foi duplicando o meu interesse pela literatura. Não mais deixei de ler. Passei a ser a primeira aluna da classe.

Eu e a minha professora discutíamos teses. Fiquei vaidosa quando percebi que era admirada. Depois a mamãe foi obrigada a residir na fazenda do ilustre senhor Olímpio de Araújo. Foi com pesar que eu deixei a escola. Chorei porque faltava ainda dois anos para eu receber o meu diploma. Por fim, tive que me resignar porque a decisão paterna vence.

Enquanto a minha mãe encaixotava os nossos utensílios eu encaixotava os meus livros, a única coisa que eu realmente venerava (Jesus, 2018, p. 19-20).

Os escritos de Carolina de Jesus sobre seu apego aos livros me fazem pensar: quantas mulheres foram impedidas de iniciar ou prosseguir estudos? Quantos sonhos de escrever foram interrompidos ao longo da história?

Juntando partes de nós (5)

De novo, a música

Dia desses, minha mãe ao telefone, me disse:

-Eu tava com tanta dor que até debrucei no fogão.

Logo em seguida, o anúncio de que ela continua ela:

-Mas coloquei CD pra tocar.

-Ouviu o que, mãe?

-Zeca Pagodinho, Leci Brandão e o rap.

Fiquei curiosa pra saber qual rap.

Ela me mostrou depois: o CD Espaço Rap volume 10, onde está a música que leva seu nome: Dona Maria.

Minha mãe trouxe o samba pra mim.

Eu levei o rap pra ela.

Mas desta vez, ela me trouxe um rap com refrão de sambista...



Imagem 25 - Grupo Posse Mente Zulu
Fonte: Portal Sucesso (autoria não informada). Disponível em: <https://web.portalsucesso.com.br/wp-content/uploads/2021/02/pmzulu2.png>



Imagem 26 - Fotografia de Leci Brandão
Fonte: Brasil Agora (autoria não informada). Disponível em: <https://brasilagoraonline.com.br/wp-content/uploads/2024/09/Leci-Brandao-arte-Biografia-el649171297502.jpg>

Dona Maria
Posse Mente Zulu e Leci Brandão

De lata d'água na cabeça lá vai Maria
levanta às 4 e meia pra atender a freguesia
Essa é a vida da preta lavadeira
que vive na labuta de segunda a sexta feira
Tem mais de 60, tá na correria
trampa como pode pra ganhar o pão do dia a dia
Que agonia, pobre periferia
pra ganhar 50 vai mexer com água fria
Mas com alegria você desacredita
é bonito ver a disposição da tia
Uma cantiga que ela vai a cantar
falando de um homem cruel do seu lugar
Mas em seu habitat ninguém pode falar
pois quem abrir o bico tem que se mudar
Seu canto, o drama da mulher de um malandro
e ela subiu o morro, som de Leci cantando, deixa...



Deixa ele beber, deixa ele fumar
deixa ele jogar, é melhor
do que ele sacar de uma arma
pra nos matar

Deixa ele gemer, deixa ele gozar
deixa ele voar, é melhor
do que ele sacar de uma arma
pra nos matar

Dona Maria do morro, cidadã brasileira
não brinca em serviço quando sacode a poeira
Sofre na luta, em busca de um ideal
vive como pode no país do real
Desde criança trabalha, sustenta a sua família
e quando sobe o morro ela é a tia
Ajuda no que pode a comunidade
sempre na humilde mulher de verdade
Não caça conversa, não gosta de treta
seja a hora que for que vagabundo respeita
Lavadeira, cozinheira, estagiaria
ela é mais uma fiel revolucionária
Nem mesmo assim se deixou vencer,
deu a volta por cima e todos vão saber
João vai pro bar, esquece do lar
e antes da limpeza ela foi cantar, deixa...



Deixa ele beber, deixa ele fumar
deixa ele jogar, é melhor
do que ele sacar de uma arma
pra nos matar

Deixa ele escrever, deixa discursar
deixa ele tocar, é melhor
do que ele sacar de uma arma
pra nos matar

Dona Maria, meu carinho e atenção
cozinheira como ela eu não conheço não
Trabalhadeira ela é, guerreira de fé
pra ajudar a família tá pro que der e vier
Com uma trouxa de roupa de lenço, na cabeça,
sorrindo com alegria descendo o morro sem pressa
Representando na maior dignidade
a mulher negra símbolo de humildade
Lá na senzala cozinava pros irmãos
na casa grande era humilhada pelo patrão
Situação que agora é contada
em memória da Anastácia e Dandara
Benedita, ministra, negra mulher
Auto estima, beleza, poder
muito axé pra quem sempre serviu
A todas Marias desse imenso Brasil, deixa



Deixa ele beber, deixa ele fumar
deixa ele jogar, é melhor
do que ele sacar de uma arma
pra nos matar
Deixa ele gemer, deixa ele gozar
deixa ele voar, é melhor
do que ele sacar de uma arma
pra nos matar
Deixa ele beber, deixa ele fumar
deixa ele jogar, é melhor
do que ele sacar de uma arma
pra nos matar
Deixa ele escrever, deixa discursar
deixa ele votar, é melhor
do que ele sacar de uma arma
pra nos matar

[Clique aqui para ouvir a música "Dona Maria"](#)

[Clique aqui para ouvir o CD completo
"Espaço Rap volume 10" \(2005\)](#)





Santo André, SP, Brasil, América Latina, Planeta Terra
07 de novembro de 2024.

Mãe,

Sempre gostei de ouvir suas histórias.

A diferença, agora, talvez seja esse meu desejo de guardar bem cada pedacinho. Detalhes se perdem na minha memória. Pergunto de novo. E vou fuçando, querendo mais pedaços.

Sempre gostei de ouvir sua voz.

A diferença, agora, talvez esteja nessa tentativa de converter pro papel partes do que chega aos meus ouvidos. Junto com pedaços do que acontece aqui dentro de mim, quando sinto essa junção de gerações.

Nem tudo é beleza, mas hoje escolho um olhar mais apurado pra ela. Não ignoro as dores. Também sinto.



Sei dos desencontros, mas hoje escolho o encontro.
Escolho desacostumar desse fardo de não ter escolha.

E se hoje consigo escolher e tracar caminhos vários é
porque seu caminho me permitiu chegar até aqui.

Olho pra trás e pro horizonte com uma tristeza ao
pensar no que não te foi possível.

Olho pra trás e pro horizonte e encontro alento,
lembrando do que me ensinou fazendo: buscar ser justa e
generosa, cozinhar um feijão bom, cantar e dançar, mesmo
nos dias de "olhos d'água". Eu continuo aprendendo.

Olho pra trás e pro horizonte, tentando decifrar o
enigma dessa orientação: vá e faça o que eu não pude fazer.
"Estude e trabalhe pra não depender de homem nenhum".
Lembro do que me ensinou dizendo e percebendo que alguns
sonhos só se realizariam na geração seguinte. Não querer
perpetuar as cercas pra quem vem depois também é ousar.

Ouso sonhar mais, mãe.



Sonho mesmo envelhecer com tempo e condições pra seguir escrevendo. Sonho escrever com a sabedoria que desejo conquistar com a velhice.

Tia Filhinha não foi à escola. Você foi por quatro anos. Eu estudo há mais de três décadas e espero estar ainda na metade.

As vezes, vem uma sensação de tentar "tirar o atraso". De tentar estudar tudo que as mulheres que vieram antes de mim não puderam.

Mas eu sei que sou uma só. O que faço é só um cadinho. O mais importante é fazer parte de um processo que não vamos deixar retroceder, nem pra nossa geração, nem pras próximas.

Não vão arrancar nosso direito ao estudo. Nem nosso direito à escrita.

Que eu e as da minha geração saibamos escrever outras histórias, que ajudem a abrir outros caminhos para aquelas que vêm depois.



Que saibamos honrar as donas Marias, que carregaram ou ainda carregam latas d'água na cabeça. Que saibamos criar caminhos outros, os mais diversos.

Caminhos que respeitem as nossas várias potências. Caminhos em que estejamos livres do medo de armas sacadas pra nos matar. Caminhos pra um mundo que não seja dividido entre quem serve e quem é servido.

Caminhos que respeitem nossa humanidade. E que nossa palavra não seja desconsiderada nem esquecida, seja ela falada ou escrita.

Mãe, a escritora que você viu na televisão é a Conceição Evaristo. Vou mostrar na próxima página um pedacinho de tantas coisas bonitas que ela já escreveu...

Depois, tem um trecho de mais uma escritora que admiro muito: bell hooks falando de sua mãe me fez pensar em nós...



Imagem 27 - Capa do livro
Olhos d'água
Fonte: Acervo de Silmara



Imagem 28 - Fotografia de Conceição Evaristo
Fonte: Site Mundo Vestibular (autoria não informada).
Disponível em: <https://wordpress-cms-mv-prod-assets.quero.space/uploads/2023/07/conceicao-evaristo.png>

[...] Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (Evaristo, 2016, p. 18).

*Aqui, faço silêncio de escuta.
Aqui, faço silêncio pra sentir.*



Imagem 29 - Fotografia de bell hooks

Fonte: Site O Globo (autoria não informada). Disponível em:
<https://ogimg.infoglobo.com.br/cultura/24292602-b0f-9bc/FTI086A/bell-hooks.jpg>

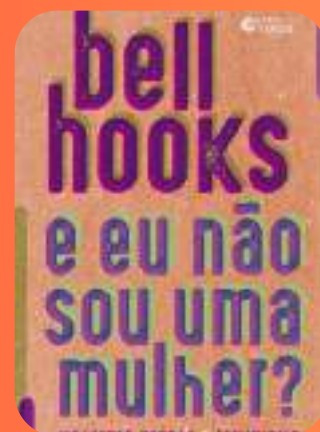


Imagem 30 - Capa do livro
E eu não sou uma mulher?
Fonte: Acervo de Silmara

Mamãe se casou jovem, quando ainda era adolescente, teve bebês nova e, apesar de nunca dizer que era ativista do movimento de libertação da mulher, vivenciou a dor da dominação sexista, e isso fez com que ela incentivasse todas as filhas, nós seis, a nos autoeducarmos, para que fôssemos capazes de cuidar das próprias necessidades materiais e econômicas e jamais sermos dependentes de qualquer homem. [...] Mamãe, ela mesma refém das amarras do patriarcado, incentivou-nos a nos libertar.

[...] Mesmo depois que minha mãe morreu, não passo um dia sem pensar nela e em todas as mulheres negras como ela, que, sem movimento político as apoiando, sem teorias sobre como ser feminista, forneceram um modelo prático de libertação, oferecendo às gerações seguintes o dom da escolha, liberdade e integridade da mente, do corpo e do ser (hooks, 2020, p. 13-14)

Mãe, obrigada por pavimentar o que hoje é meu caminho de liberdade. Obrigada a todas as mais velhas.

Lembrete número 3



Sim, foi importante aprender a escrita
No papel também contar a nossa história

Sim, foi (e é) importante ouvir a palavra
Papel nenhum vai calar a fala

Quem veio antes me diz pra seguir
Ir além carregando a palavra
Seja escrita ou falada
Nunca mais subordinada



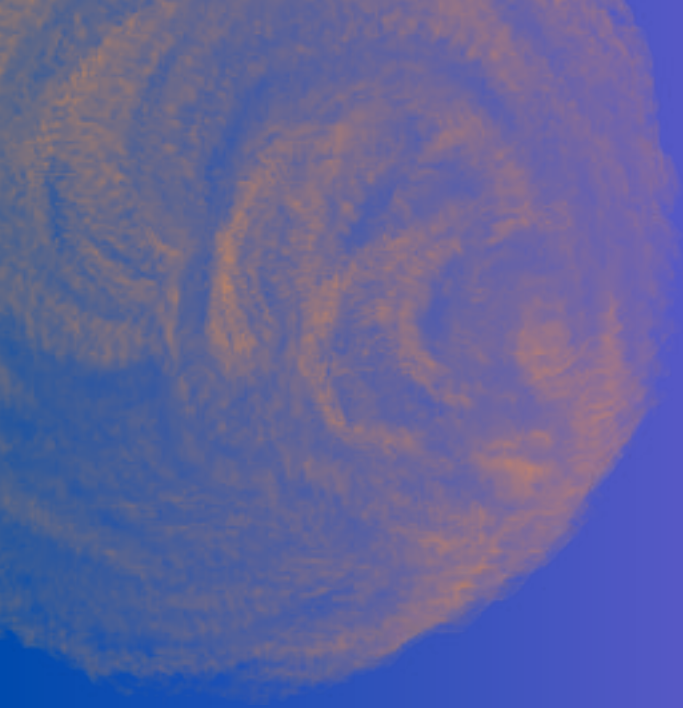
Sei que dizer algum dá conta do acontecimento. Palavra alguma, seja ela falada, escrita, consagrada, repudiada, inventada, nada diz tudo. Por isso várias, muitas. Na sabedoria de um povo está dito que “o sopro que sai da boca do homem, a palavra, é a energia, é a potência que move o Universo”. No livro de outro povo está escrito: “No princípio era o verbo”. Nas duas afirmativas é a palavra o princípio. E o princípio que me foi dado conhecer foi a palavra-corpo de Mãe. Das entranhas-mater a origem de minha fala e a compreensão primeira que tirei das águas.

Sempre recontando a história das águas, conto a de Sabela, a minha e a de tantas pessoas. Vozes múltiplas e diversas me ajudam a ampliar, a aprofundar o sentido da história. Há ainda vazios, eu sei. Volto ao meu princípio para recontar sobre as águas [...] (Evaristo, 2017, p. 102).



Imagem 31 - Capa do livro Histórias de leves enganos e parecenças
Fonte: Acervo de Silmara

*Em silêncio, cultivo a paciência de quem sabe dos vazios.
Em silêncio, ouço vozes múltiplas de quem veio antes.*



*A minha mais
velha quando
menina*



Mapeando lugares-memórias



Juntando partes de Jequié (1)

No Rio de Contas, a avó materna

Quando olho pro passado que não vivi, localizo várias pessoas que gostaria de ter conhecido. Solano Trindade, Maria Firmina dos Reis, Antonieta de Barros... E tantas outras...

Mas quem ocupa o topo dessa lista é a Dona Gerosina, minha avó materna. Os olhos de minha mãe brilham quando fala dela...

Nenhuma fotografia. Algumas descrições físicas. E muitos comentários que me trazem imagens de uma teia formada por força, integridade e amor.





Imagem 32 - Fotografia do Rio de Contas em Jequié

Fonte: Blog Uneb Jequié (autoria não informada). Disponível em: <https://unebjequie.blogspot.com/2010/>

No Rio de Contas (ou Rio das Contas, como minha mãe sempre chamou), elas lavaram roupas. Nas pedras, colocavam pra quedar. Na cabeça, minha avó equilibrava a trouxa.

Buscando vestígios desse passado, encontrei essa foto num blog.

Será que a vó Jerosina passou por esse trecho com minha mãe?



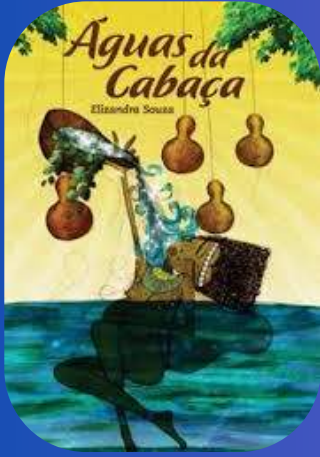


Imagem 33 - Capa do livro
Águas da cabaca
Fonte: Acervo de Silmara



Imagem 34: Fotografia de Elizandra Souza.
Fonte: Site do Instituto Moreira Salles (foto feita por Edilaine Pereira).
Disponível em https://ims.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Elizandra-Souza_1920x1080.jpg

Ouçô as minhas ancestrais
Cantando, raiar os luareis
Dançando, o sagrado costurar
Sorrindo, colher as flores

Retribuo:

Sonhando poesias

Construindo melodias

Recitando amanhã

Trecho de "Tecendo memórias. A minha avó paterna Zefa" (Souza, 2012, p. 36).

*Que mais mulheres da nossa geração e das que virão
sigam ouvindo as vozes de nossas ancestrais.*

Juntando partes de Jequié (2)

O pai que minha mãe queria ter conhecido

Minha mãe nasceu em 05 de novembro de 1948. A décima segunda e última filha de Durval e Gerosina.

Dois meses depois do seu nascimento, meu avô morreu. Cresci ouvindo minha mãe dizer: "Nunca soube o que é ter pai. Nem sei como era o rosto dele. Não tem uma foto".

Vaqueiro, andava dias e dias com a boiada. Tomando sol e chuva. E foi a chuva que provocou uma pneumonia que findou sua vida. Nas águas do Rio de Contas, minha avó lavou roupas pra criar os oito filhos que "vingaram".



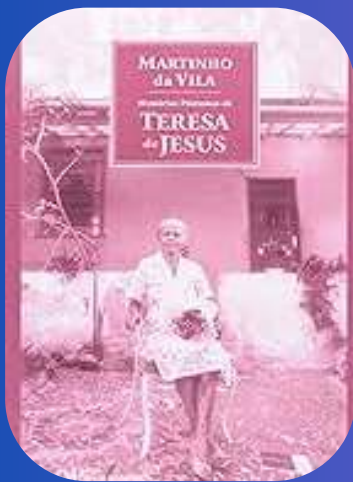


Imagem 35 - Capa do livro Memórias Póstumas de Teresa de Jesus
Fonte: Acervo de Silmara



Imagem 36 - Fotografia de Martinho da Vila e sua mãe Teresa de Jesus
Fonte: Instagram de Martinho da Vila. Disponível em: https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRkIGW6QOW-gwZtxbq_11Dc600COWADesapyQ&s

Lendo a história de Teresa de Jesus, mãe de Martinho da Vila, suspiro profundamente, olhando para as semelhanças...

Tive 11 filhos sem conhecer um hospital-maternidade.

Todos os meus filhos nasceram de parteira e só sobreviveram cinco, saldo assustador para os tempos atuais, porém dentro dos padrões da época pois o índice de mortalidade infantil antigamente era muito grande. A incidência era tanta que, sempre que nascia uma criança, os pais se apressavam em levá-la à pia batismal para que a recém-nascida não corresse o risco de morrer pagã (Vila, 2003, p. 43).



Os últimos dois anos da década de 1940 foram muito difíceis para mim; na verdade, os mais difíceis. Em 22 de junho de 1948, Josué saiu de casa para o trabalho, sem os documentos, e não retornou. Também não apareceu no dia seguinte, nem no outro.

Então eu "procurei na Central, procurei no hospital e no xadrez", como diz um samba do Adoniran, e acabei encontrando-o no Instituto Médico Legal.

Custei a acreditar que jamais o veria e, quando tive certeza de que o meu Josué tinha feito a passagem, senti uma dor que percorreu todo o meu corpo. Fiquei desorientada como se estivesse perdida numa ilha deserta com um mar revolto por toda a volta.

Desejei também a morte. Se não tivesse uma prole, eu certamente morreria, mas, como tinha cinco vidas para cuidar, fiz dos meus filhos o meu ideal de vida.

Em 1948 eu, com menos de 50 anos, estava viúva e sem nenhum filho na maioridade.

Não me desesperei.

Juntei todas as minhas energias e falei comigo mesmo: "Eu vou ser uma grande chefe de família. Vou cuidar bem dos meus filhos e educá-los para, no mínimo, serem boas pessoas" (Vila, 2003, p. 44).



Juntando partes de Jequié (3)

Andanças pra buscar lenha

Sinto que as memórias mais serenas da minha mãe são aquelas do tempo de menina.

A menina que andava muito com sua mãe.

No dia de buscar lenha, dona Gerosina levava um facão. Na mesma cabeça onde equilibrava a trouxa de roupas em outros dias, vinha a tora de madeira.

Carolina Maria de Jesus conta da experiência de buscar lenha. Diferente dela, minha mãe não carregava o peso. Dona Gerosina levava tudo.





Imagem 37 - Fotografia de Carolina Maria de Jesus

Fonte: Observatório do Terceiro Setor (imagem de domínio público).

Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/wp-content/uploads/2021/03/f-carolina-maria-de-jesus.png>



Imagem 38 - Capa do livro
Diário de Bitita

Fonte: Acervo de Silmara

Minha mãe cozinhava com lenha. Nós não podíamos comprar, íamos buscar no mato. [...] Levávamos um machado. Que suplício andar no mato procurando um pau aqui, outro ali. Quando encontrávamos um pau seco, que alegria! Era como se encontrássemos um filão de ouro. Era aquela andança dentro do mato, das sete ao meio-dia. Eu gostava de ir para comer as frutas silvestres - jatobá, pitanga, gariroba, araticum, maracujá e marmelo-de-cachorro. Não gostava do retorno. Minha mãe me obrigava a carregar um feixe de lenha. Eu era fraca e não suportava o peso. Mas não podia reclamar. [...]

Fui notando que há possibilidade de ficarmos livres de tudo que nos fatiga e aborrece um dia. Porque a vida é uma iguaria a que devemos adicionar uma dose de paciência. Minha mãe sorria alegre porque a lenha para nós era um dilema (Jesus, 2014, p. 99-100).



Brincando e cantando



Juntando partes
de Jequié (4)

Mãinha lembrando do brincar

Dona Maria gosta de falar das brincadeiras
de quando era menina. Eu gosto de ouvir.

Ela mesma fazia sua boneca com pano.
Pulava corda. Brincava de esconde-esconde.

"Você perguntou onde que eu escondia. Não
tinha muro nas casas, Mara. Escondia entre as
casas, atrás. À tardezinha.

De noite, era roda".



Juntando partes
de Jequié (5)

A rosa vermelha

Pergunto como era a roda. Ela começa a
cantar:

"A rosa vermelha
é meu bem querer
a rosa vermelha e branca
é de amar até morrer"

Ai a gente falava um verso".



Juntando partes
de Jequié (6)

A margarida

Ela continua contando-cantando:

"Tem aquela: 'Cadê a margarida, olê, olê, olá'

Essa aí, se tivesse com vestido bem rodado, a margarida ficava no meio, as outras pegavam nas pontinhas do vestido e ia cantando. Aí ia tirando de uma em uma:

'A margarida não está, olê, olê, olá.
Apareceu a margarida, olê, olê, olá
Tirando uma pedra, olê, olê, olá
Uma pedra não faz falta, olê...'"





Uma poesia pra mãinha

Maria

Mãinha

Minha

Tantas Marias

Na sala de espera

O que espera Maria?

O que deseja Mãinha?

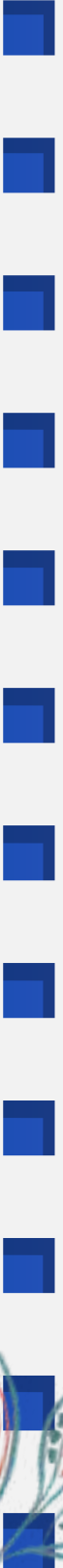
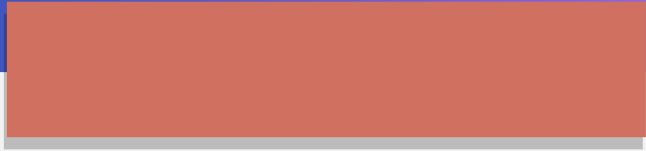
Conta pra mim suas histórias

Canta pra mim as cantigas de roda

Roda rente ao rio e canta

Me conta o que viu no Rio de Contas






Um canto poesia pra mãinha

*Aos cinquenta e sete conheceu o mar
Ainda menina, o rio pra lavar
Roupas alheias, panos brancos dos brancos
Com trouxas cheias, entoando seus cantos*



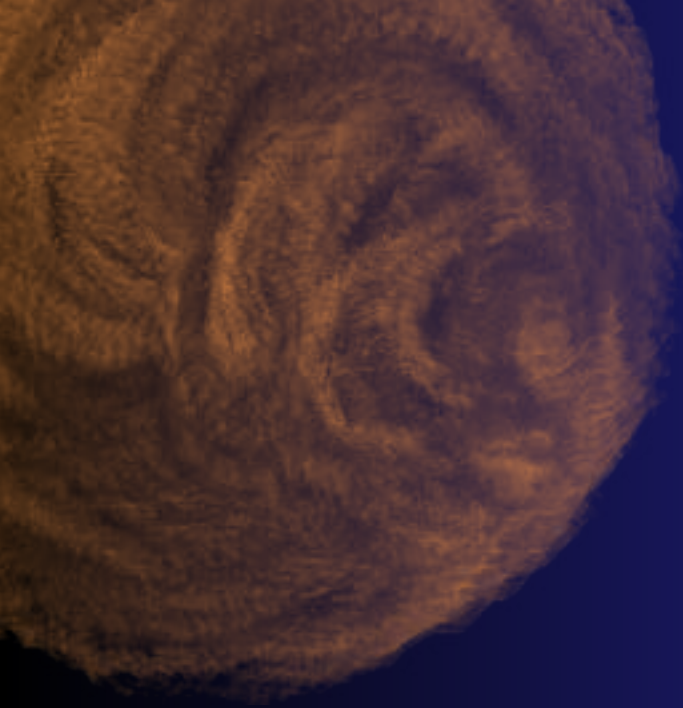
Lembrete número 4



Sempre há história
de quem veio antes
pra ser conhecida
por quem veio depois

Nunca saberemos tudo
Que nunca deixemos de querer saber





Considerações do
meio pra chegar a
outros (re)começos



Na estrada que sou
Quebro a continuidade
Reconfiguro a rota
Desvio, tropeço, permaneço
Relembro as histórias das minhas
Ancestrais, avós e madrinhas

(...)

Na estrada que sou
Abro-me em dois ramos
A que avança sem olhar para trás
A que olha para trás para avançar
Há um exército de mulheres
A soprar em meus ouvidos...

Trechos de "Bifurcação"
(Souza, 2021, p. 34).



Imagem 39 - Capa do livro Quem pode acalmar esse redemoinho de ser mulher preta?
Fonte: Acervo de Silmara

*Que nossos ouvidos estejam atentos às vozes de mulheres,
que sopram histórias e anúncios. Que nossos pés caminhem
sem que nossos ouvidos deixem de escutar atentamente.*



Imagem 40 - Fotografia de bell hooks

Fonte: ECA/USP (reprodução do Acervo da Universidade Wisconsin-Madison).

Disponível em: <https://www.ecausp.br/sites/default/files/resize/inline-images/bell%20hooks%20fim-481x265.png>

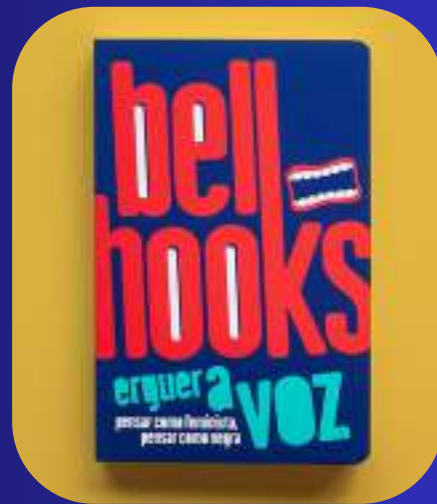


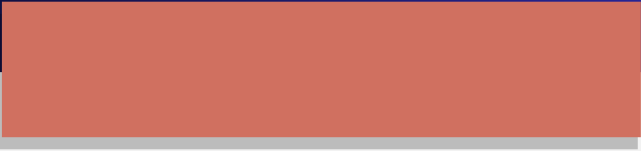
Imagem 41 - Capa do livro

Erguer a voz

Fonte: Acervo da autora

[...] A construção social do eu “em relação” significava, então, que conheceríamos as vozes do passado que falam em e para nós, que estaríamos em contato com o que Paule Marchall chama de “nossas propriedades ancestrais - nossa história. Porém, são precisamente essas vozes que são silenciadas, reprimidas, quando somos dominados. É essa voz coletiva que lutamos para recuperar. Dominação e colonização tentam destruir nossa capacidade de conhecer o eu, de saber quem somos. Nós nos opomos a essa violação, essa desumanização, quando buscamos autorrecuperação, quando trabalhamos para reunir os fragmentos do ser, para recuperar nossa história (hooks, 2019, p. 78).

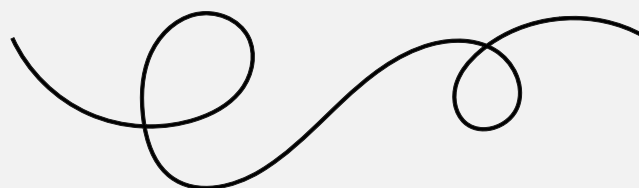
*Costurei fragmentos, recolhidos com cuidado e carinho.
Há muitos outros por recolher...*



Amenizo o medo do fim ouvindo Antonio Bispo dos Santos, o Negro Bispo: "Somos começo, meio e começo".

Este trabalho não se finda. É o trabalho de conhecer histórias que me constituem. De juntar pedaços, partes, fragmentos. É o trabalho de cuidar da ancestralidade.




Juntar vozes daquelas que foram silenciadas. daquelas que continuaram falando sem conseguir escuta. E que seguiram semeando vida individual e coletiva.



Cuidar da ancestralidade

Semear vida individual e coletiva





Dialoguei com escritas que me ajudam a seguir. Em alguns momentos, vi a necessidade de manter-me em silêncio após alguns trechos citados. Pra respirar e sentir. Pra deixar que quem lê também faça o mesmo. Senti essa liberdade. Assim como na vida, muitas vezes precisamos ouvir outras vozes - principalmente as mais velhas - e por bastante tempo senti-las profundamente em silêncio. Ao contrário do silenciamento, este silêncio é de interesse genuíno e respeito.

A tentativa de saber mais sobre a(s) história(s) da minha mãe passou por idas e vindas, com várias curvas. Conversas aqui, outras acolá. Assuntos que surgiam numa ligação telefônica, cantigas que vinham no caminho para uma consulta médica. Quase nada foi gravado - minha mãe não quis essa formalidade. Algumas coisas eu anotava enquanto ela contava. Outras, eu tentava guardar na cabeça pra anotar assim que possível.

Também preciso registrar que nem tudo se torna palavra. Nem tudo é possível trazer ao papel. Tem também o que fica no corpo e na alma sem passar pela palavra. E tudo bem. Isso não diminui a importância deste trabalho de escrita.



E este trabalho de cuidar da memória é um trabalho pra vida.

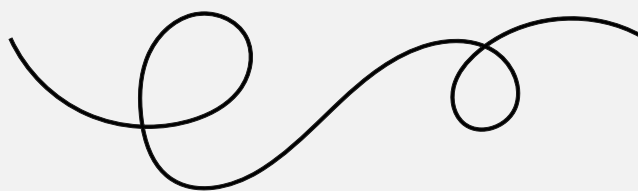
Pra minha e pras que virão.

Então, trabalhemos. Para honrar quem veio antes e possibilitou a nossa existência no agora.

Que não deixemos de cantar e dançar.

Que não deixemos de ouvir a palavra.

E que não deixemos de partilhar o que aprendemos.




Referências

ALMEIDA, Djaimilia Pereira de. O que é ser uma escritora negra hoje, de acordo comigo – dois ensaios e uma conversa. São Paulo: Todavia, 2023.

ANGELOU, Maya. Poesia completa. Tradução: Lubi Prates. Bauru: Astral Cultural, 2020.

DINHA. De passagem mas não a passeio. São Paulo: Global, 2008. (Literatura Periférica).

EVARISTO, Conceição. Olhos d'água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.





EVARISTO, Conceição. Histórias de leves enganos e parecenças. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. Rio de Janeiro, Malê, 2021.

hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. E eu não sou uma mulher?: mulheres negras e feminismo. Tradução: Bhuvi Libanio. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.







JESUS, Carolina Maria de. Diário de Bitita. São Paulo: SESI-SP, 2014. (Memória e sociedade).

JESUS, Carolina Maria de. Meu sonho é escrever... contos inéditos e outros escritos. Organização: Raffaella Fernandez. São Paulo: Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. Tradução: Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. Irmã outsider: ensaios e conferências. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.






RAMOS, Lázaro. Na minha pele. Rio de Janeiro: Objetiva, 2017.

SOUZA, Elizandra Batista de. Águas da cabaça. Ilustrações de Salamandra Gonçalves e Renata Felinto. São Paulo: Edição do autor, 2012.

SOUZA, Elizandra. Quem pode acalmar esse redemoinho de ser mulher preta? São Paulo: Mjiba, 2021.

VILA, Martinho da. Memórias póstumas de Teresa de Jesus. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2003.




Vamos conversar?

Meu e-mail: silva.silmara@unifesp.br

Meu instagram:



 PALAVRASMALUNGAS

MARA ONIJÁ [Silmara C. L. Silva]
Poeta | MC |
Educadora Antirracista | Pesquisadora
Doutoranda em Ciências Sociais...

